

**FORÇA AMIGO... AGORA QUE  
O TEMOS NA UNHA NÃO  
VAMOS DEIXÁ-  
-LO ESCAPAR!**



**DO PLANO ECONÓMICO**

... CORRECÇÃO DOS ABUSOS A QUE A CONCENTRAÇÃO  
EXCESSIVA DO PODER ECONÓMICO PODE DAR LUGAR. ...

... INTERVENÇÃO DO ESTADO NA GESTÃO, O ARRESTO  
DAS EMPRESAS E A PRISÃO DOS RESPONSÁVEIS. ...

— À pesca, não? ... única esperança de comer al-  
 — É como vê... Eu e toda gum é pescá-lo...  
 a família!  
 — E, com a família  
 — É um bom desporto... toda...  
 — Desporto!? Necessi- Ah, pois... Quem não  
 dade, meu amigo, necessida- pesca, não come!  
 de!  
 — O médico, não? Ares do Tem piada...  
 mar... Mas, enfim, sempre uma pes-  
 — Qual médico, qual ar do soa se defende!  
 mar, qual carapuça! Necessi- — Realmente, a vida está  
 dade, necessidade, já lhe cada vez pior e, o peixe...  
 disse. Nós até nem gostamos — O peixe é aquela con-  
 nada de mar neste tempo e, ta...  
 quanto à pesca, ainda me- — Pois é... Ainda ontem a  
 nos... minha mulher gastou um di-  
 — Mas, distrai... nheiro e não era lá muito  
 — Qual distrai... Aborre- fresco!  
 rece, impacienta e, ainda por — Então, meu amigo, se o  
 cima, arrefece! quer comer bom e barato,  
 — Então, sendo assim, é sacrifique-se, venha para aqui  
 um sacrifício? !... e meta a minhoca na água!  
 — Pois é... Mas, ao preço — Safa! Com o frio que es-  
 que o peixe está na praça, a tá...? Nessa não caio eu!...

Nunca diga a uma mulher que ela é tudo para si. Se ela acredita, está tramada... e passa a ser mesmo tudo para ela e nada para si. E, mais: tudo chegará a ser pouco!...

Fie-se mesmo na Virgem (ou não virgem) e não corra. De gente com pernas partidas estão os hospitais cheios!

Entre dizer duas mentiras a sua mulher e duas verdades à sua sogra, não hesite e minta às duas. Tem, pelo menos uma hipótese de não arranjar grandes sarilhos com a última!...

Não ande à bulha por dá cá aquela palha. Deixe isso (e a palha) para os burros!

Nos transportes públicos nunca ceda o seu lugar a uma senhora (exceto quando idosa, grávida ou doente... se houver só uma nestas condições) se estiverem mais em pé. As que ficarem nesta posição ficarão furiosas consigo!

Quando lhe chamarem um nome feio, retribua com dois... em pensamento. Não será malcriado, não arranjará sarilhos e, ao fim e ao cabo, as ações ficam com quem as pratica, não é?

ARIM



Nunca qualquer homem teve o mais pequeno aborrecimento que não tivesse na base uma mulher!

Dantes, embora pela calada, quase toda a gente procurava saber a verdade. Agora, o que interessa é saber onde estão as mentiras, uma vez que a verdade é conhecida. Entretanto, muitos (e, não poucos, como se possa julgar) continuam a viver de mentiras ou de verdades muito suas!


Ainda a propósito das “fogueiras de libertação feminina”, porque é que elas não aproveitam o próximo mês de Junho para fazerem as fogueiras que muito bem entendam? Mas, com muito alecrim... por causa do cheiro das outras coisas!

Rir será o melhor remédio... se o riso não for amarelo!

ARIM



E depois a respeito de ingenuidades há a história daquela jovem tão ingênuo, tão ingênuo, que tendo um furúnculo a nascer mesmo ao meio do peito pensou que era a mama do si-zo...



AH!AH!AH!...  
ENA TANTOS GAJOS  
DE TROMBAS...  
SE CALHAR É POR  
CAUSA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO  
DO M.F.A!

# DESPORTO DE MASSAS EM CUBA

Cuba, tantos de tal. (Do nosso enviado especial Tobias Xavier Chato). Felizmente que já se pode escrever à vontade e quando o gabarito do chefe da Redacção diz que

percorreu as sete partidas do mundo, o fiquei na minha: é um ignorante em assuntos de geografía!

O tipo chamou-me ao gabinete e perguntou:

— Tem o passaporte em dia?

— Respondi que sim e logo esse valdosoctu que me nós-sacra diariamente a cabeça, acrescentou:

— Então prepare-se que vai partir para Cuba de avião afim de fazer uma reportagem sobre o desporto de massas. Retorqui imediatamente: — De avião não viajo! Utilizarei barco e o comboio!

O hediondo chefe concordou, porque ele sabe bem que se não concordasse eu não faria a viagem e sujeitava-se a que eu propusesse o saneamento.

Fui à casa, fiz à mala, pequenina, como convinha para o destino, adquiri um fato de ganga e dirigi-me à estação do Terreiro do Paço onde comprei o bilhete de barco para o Barreiro. A minha primeira surpresa foi que no acesso ao navio pediram-me o bilhete e nem me falaram no passaporte. Já com o barco a navegar um revisor perguntou novamente pelo bilhete e de passaporte, nicles!

Aos meus botões perguntei: "Para que me teria falado o chefe no passaporte?" as minhas dúvidas sobre a utilidade do passaporte confirmaram-se iam após a acostagem do barco no Barreiro: entreguem o bilhete e de passaporte, nada!

Repense: "Para que trouxe o meu passaporte?" E "repensas", igualmente, ao sentir-me só: Os meus companheiros de compartimento tinham desaparecido!

Fui para o corredor e com surpresa verifiquei que toda a gente se afastava de mim. Seria mesmo do fato de ganga? Ou do meu espanhol arrezgado que, com passaporte português, eles interpretaram como extremista?

Entretive-me a ver o desfilhar da paisagem e finalmente cheguei a Cuba. Na estação

devido ao meu fato de ganga. Outros dois passageiros, que residiam em Beja, foram mais acobardados: "Não se esforça em querer imitar português que me entendemos bem o espanhol".

No entanto, continuei a "ensaiar". Depois da troca de impressões habituais, o tempo, a política, o custo de vida, o Benfica e o Sporting, contê-lhas, muito confidencialmente, o que ia fazer a Cuba. Em dado momento dei uma espreitadela para a paisagem e quando me voltei já ninguém se encontrava no compartimento.

Achei estranho. O revisor, todavia, apareceu e pediu-me o bilhete. Entreguei-lho e ele picou-me com o alicate.

ficaram-me com o bilhete e disseram-me para guardar o passaporte! Para que diabo trouxera eu o passaporte?

No "meu" espanhol pedi que me indicassem um hotel. Fiquei satisfeito porque em espanhol semelhante ao meu, com sotaque alentejano, me informaram que não havia hotéis. Recomendaram-me uma pensão.

Para lá fui. Reobeceram-me desconfiados e a pediram-me que pagasse adiantamento. A razão talvez fosse porque um dos meus companheiros do compartimento do comboio também lá se hospedara. Não liquei. Como repórter estou habituado às antiptadas.

Comencei imediatamente a trabalhar. De indagação em

fazer-me uma confusão dos demónios. Para que me disseram que trouxesse o passaporte?

Percorri outros locais onde se jogava às moedas. Outras dezenas de praticantes. Autêntico desporto de massas.

Perguntei por Desporto de elites, onde se jogava forte. No clube, indicaram-me. Aí sim, desporto de largas massas, com montes de contos de reis à vista. "Bacarrat", burro americano, "bluff". Praticantes ex-federativos. Da moagem, dos tripes, dos grémicos, das cooperativas. Competição a alto nível, de mistura em algumas equipas de viajantes, que vêm depois a saber não precisam de passaporte para irem a Cuba. E eu porque prazirei? Essa não me saía da cabeça!.

Dei mais umas voltas por Cuba. Centenas, muitas centenas de praticantes, esperam por clube, que por cá se chamam de latifundiários. Uns, os pastores, usam um "stick" parecido com o golf que chamam de cajado, outros, os coifeiros, uma coisa em metal igualzinha à das bandeiras do Partido Comunista; os agricultores, um outro instrumento que é conhecido por enxada, todos, enfim, à espera da transferência, que se anuncia próxima, para então praticarem o desporto de massas.

E foi assim que eu vi Cuba, com a brevidade que o meu ignorante chefe da Redacção me impôs. As suas bandéias custaram-me um sem número de humilhações. Ninguém quis saber do meu passaporte. Aí fica a reportagem do desporto de massas a todos os escalões. E não precisei ir de avião.



## REPÓRTER DE BRIGADA TOBIAS

Apresentei-lhe a seguir o passaporte. Observação do funcionário: "Isso não é para mim. Só na passagem de fronteira ou quando lho pedirem o deve mostrar".

indagação fui ter a um estabelecimento, assim em estilo de taberna. Ai uns trinta praticantes jogavam as moedas, tal e qual como em Lisboa. Uns perdiam, outros ganhavam e dirigi umas perguntas, "se era todos os dias que praticavam o Desporto, se tinham treinador, se estavam filiados".

Foi evidente a sinceridade: "que praticavam o Desporto todos os dias, que não precisavam de treinador, nem de filiação". E acrescentaram: "Venham cá ao de Lisboa ou ao de Madrid que nós damos-lhe uma lição! Isto é desporto de massas!".

Mostrei o passaporte. "Não é preciso, responderame. Vê-se logo que o senhor não é português!".

Isto do passaporte estava a

# Crônicas medievais



D. BRIOLANJA

— Minha estremosa filha, sabeides onde pára o artolas de vosso real papá?

ALDEGUNDES

— Como quereides que o saiba, mamã? Desde que chegaram as últimas novas do nosso reino que mal lhe tenho posto os binóculos em cima...

D. BRIOLANJA

— Aqui anda coisa, minha estremosa filha! A mim nunca ninguém me fez o ninho atrás da orelha. E estou pronta a jurar aos santos evangelhos que vosso pindérico progenitor anda a marafar alguma...

ALDEGUNDES

— Credo, mamã, não penseides isso! Bem sabeides que o papá com todas as suas farrencas não passa dum simplório. Eu até me farto de rir quando leio os pasquins que chegam do nosso reino e que o acusam de ser o "deus ex machina", o "anima danata" o escorpíonico e malévolo espírito que dominava o nosso bom povo...

D. BRIOLANJA

— Ai, filha, que coisas esquisitas chamaides a vosso pobre papá! Ele também não é assim tão mau!

ALDEGUNDES

— Pois não. Como vós muito bem dizeides, ele é só um simples artolas. Mas a verdade é que ultimamente tem andado a magicar qualquer coisa. Não futuraiades o que seja?

## A BULA DA TERRA SANTA

D. BRIOLANJA

— Farta de dar voltas ao bestunio estou eu! Olhai: aí vem D. Paio, o nosso fiel e dedicado servo. Talvez ele saiba...

D. PAIO

— Deus vos guarde, insignes e preclaras senhoras minhas! Que sombras de preocupação vos aflégem?

D. BRIOLANJA

— Vinde cá, D. Paio, vinde cá. Haveides visto a sua magestade o meu almirantíssimo marido?

D. PAIO

— Senhor, ainda bem que me précuraiades isso. Verdade, verdadinha, mal o tenho visto nestes últimos dias. Parece que anda muito preocupado...

D. BRIOLANJA

— Tende termos, D. Paio. Mas dizeide-me: sabeides o que ele anda a magicar?

D. PAIO

— Senhora minha, apenas sei que sua magestade anda com pulga no ouvido. Já teve três secretos encontros com o nobra D. Patrício, e vós bem sabeides que ele não o grama lá muito...

ALDEGUNDES

— Verdade é, senhora minha mãe! Ainda ontem depois do jantar, e ainda D. Patrício estava a chupar as espinhas daqueles cachuchos que haveis comprado à porta do mercado, logo o papá o rebocou por um braço e o levou para um canto onde estiveram a cochichar mais de uma hora...

ALDEGUNDES

— E eu a pensar que tinha sido D. Patrício que o estava a xeringar! Temos que falar com

cont. na pág. 11

# ANTOLOGIA DOS HUMORISTAS



HOMEM DE GÊNIO IMPACIENTE,  
TENDO UMA DOR INFERNAL,  
PEDIA, PARA MATAR-SE,  
UM VENENO OU UM PUNHAL.  
"NÃO HÁ (LHE DISSE UM VIZINHO  
VELHO QUE PENSAVA BEM);  
NÃO HÁ PUNHAL, NEM VENENO,  
MAS O MÉDICO AÍ VEM".

AINDA NOVEL DEMANDISTA  
UM LETRADO CONSULTOU,  
QUE, DEPOIS DE CEM PERGUNTAS,  
TAL RESPOSTA LHE TORNOU:  
- "EM CUJÁCIOS, EM MONÓQUIOS,  
EM PEGAS E ORDENAÇÃO,  
EM REINÍCOLAS E ESTRANHOS  
TEM CARRADAS DE RAZÃO.  
SIM, SIM, PER TODA ESSA ESTANTE  
TEM RAZÃO, RAZÃO DE MAIS.  
- "AH SENHOR! (O HOMEM REPLICA)  
TÊ-LA-EI NOS TRIBUNAIS? "

MORTE! (CLAMAVA UM DOENTE)  
ESTE MISERO SOCORRE!  
SURGE A PARCA DE REPENTE,  
E DIZ DE LONGE: - "RECORRE  
AO TEU MÉDICO ASSISTENTE".

CONSTA QUE UM MÉDICO FORA  
INVENTOR DA GUILHOTINA:  
DEU BEM RAPIDEZ À MORTE!  
MOSTROU SABER MEDICINA.

Bocadeira

# MEMÓRIAS DE UMA CANÇONETISTA PORTUGUESA

## OS PRIMEIROS CANSAÇOS

**A**o regressar da "boite", eu chorava como uma criança a quem promettesse uma boneca e se desse uma banana. Todos os meus saforas eram infrutíferos, todol os meus passos conduziam ao malôro! Lançei-me sobre a cama em pranto convulsivo e minha mãe amoravelmente, abraçou-me com estas pala-ras:

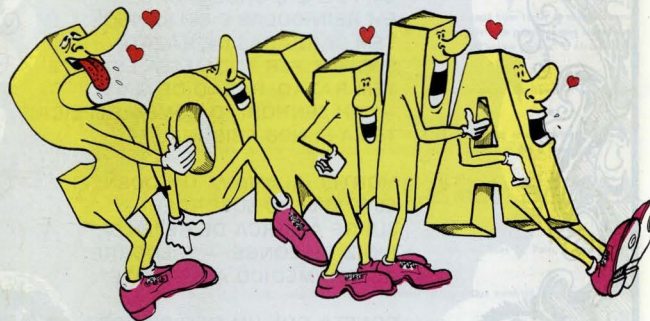
### CAPÍTULO III

— Maior do que a Maria Pereira? — indaguei eu que parára de chorar.  
 — Ah, a minha mãe hesitou. Os soluços apressaram-se outra vez de mim até que a ouvi dizer em voz firme:  
 — Sim, filha, há-de ser maior do que a Maria Pereira!

O violinista que eu conhe-cera em tempos e que me to-cara o trilo do diabo e desapa-recera, havia-me aconselhado a tentar uma carreira interna-cional. Se eu criasse fama no Brasil ou mesmo em Espanha, facilmente penetraria no mundo da canção portuguesa.

das de gabardine e guarda-chuva, no palco improvisado. Eu tinha dito ao júri que ia cantar "O sol raiou outra vez", aquela linda canção que começa:

"O sol raiou outra vez Mas para mim já sol não há Para mim já sol não há... Este mês Porém, num momento de inspiração, ao subir ao palco,



— Não desanimes, filha das minhas entranhas! Tu há-de ser a maior!  
 — Maior do que a Simone? — perguntava eu.  
 — Maior do que ela — respondi-me a minha mãe.  
 — Maior do que a Iglésias?  
 — insistia eu.  
 — Maior, maior do que ela — garantia a autora dos meus dias.  
 — Maior do que o Tudela?  
 — continuava eu.  
 — Maior, maior, maior do que ele — asseverava a minha genitora.

Abraçámo-nos, então, entre risadas felizes. O leitor amigo perdoará a inclusão desta cena demasiado longa nas minhas memórias. Mas nesta época conturbada em que todos se interrogam acerca dos destinos da Europa e do mundo, talvez não seja desabado lembrar quanto pode o amor de mãe.

Foi assim que me resolvi a apresentar num concurso para a eleição da melhor cano-netista do ano, num "rink" de patinagem para os lados da Amadora. Apesar de ser o ar-livre dos concorrentes não podrem dispor de micro-fone, eu estava certa do meu triunfo. Como chovia copiosamente, apresentámo-nos to-

desatei a cantar "Just singing in the rain". Modéstia à parte, deixei a perder de vista a interpretação da Doris Day. A assistência dispensou-me uma calorosa ovação, quando terminei. Acabavam lenços, ga-linhardes e bombas de bicicle-ta. Mas a concorrente da Amadora tinha uma "claque" danada e eu sabia desde o princípio que tudo estava pre-parado para ela ganhar. Só o conhecimento dessa injustiça — que não chegou a ser prati-cada — me fez soltar uma gar-



UM FOLHETIM  
 POR EZEQUIEL

# GRANDES REPORTAGENS



No meio da sessão da mesa pé-de-galo da semana passada, o burburinho foi tal, quando o médium meteu o nariz na vida íntima de D. Cleópatra, que todos pensaram que estavam a assistir a uma sessão de filmes eróticos. E de comentário em comentário, as pessoas foram saindo da sala (curiosamente aos pares) e acabou por ficar inadvertidamente ligada uma das mais modernas mesas-pé-de-galo do tipo transistorizado e com circuitos independentes para recepção de HI-FI.

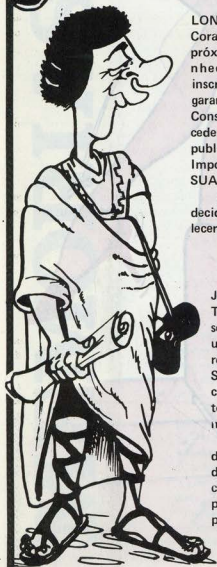
O caso é que quando os intervenientes lá voltaram, cansados e esbodegados (sabe-se lá de quê...) encontraram algumas mensagens recebidas no intervalo...

LONDRES: 1665 — Sua Majestade Sereníssima Ricardo I, Coração de Leão lançou arautos pelo reino a anunciar a próxima cruzada à Terra Santa, numa organização da conhecida agência de viagens "Vagon Jota-Cuca", com inscrições limitadas e plano de pagamento a prestações garantido pelo conhecido financeiro Mr. George of Brite. Consta que esta cruzada se destina a convencer os infiéis a ceder petróleo mais barato, e por tal motivo a campanha publicitária está a ser feita sob o slogan "B.I.P. (Bamos Importar Petról) E TEMOS MUITO QUE FAZER COM A SUA PASTA".

Sua Majestade Sereníssima Ricardo Coração de Leão decidiu também entrar para sócio do Sporting, para estabelecer a confusão nas hostes dos infiéis.

JERUSALÉM, 932 A.C. — Para celebrar a conclusão do Templo de Jerusalém, obra do sábio monarca Salomão, que se soube para tanto rodear duma perfeita organização de urbanismo e construções a cargo do conhecido edificante de reboleirais monumentos Jota Pois, Sua Majestade o rei Salomão iniciou a sua obra poética seleccionando diversos cânticos de luta onde ataca os filhos da pátria e fez saber a todos os escribas que iria apresentar as estrofes mais válidas num festival nacional especial.

Para celebrar a sua tradicional justiça salomónica, o rei decidiu perante as reclamações dos menestres profissionais da corte, cortar cercas tais reclamações, cortando-lhes as cabeças, visto que sem cabeça já não poderiam cantar, e portanto cessava o impedimento que eles aleivosamente pretendiam levantar contra a real arte dos cânticos reais.





# A ACÇÃO A BULA DA TERRA SANTA

Cont. da pág. 6

C líquido vermelho e quente jorrou violento manchando-lhe as mãos calosas e duras.

Com um trejeito de desporto o homem limpou as mãos no próprio avental da mulher prostrada à seus pés.

A nódoa dum vermelho vivo ficou a contrastar violentamente com a palidez do rosto da mulher que mal esboçou um fraco gesto de repulsa.

De nada lhe servia já. O homem tinha-se afastado e juntava as cubas mais pequenas, na busca dum que lhe servisse.

A mulher seguia-lhe os movimentos com o olhar, numa expectativa de ansiedade.

O homem empurrou vários toneis que se amontoavam a um canto

da soturna adega e depois deteve-se olhando uma enorme doma cujo imenso bojo apreciou com ar crítico.

Virou a cabeça para a mulher ainda prostrada do outro lado da adega, como que a medir a possibilidade de resolver rapidamente o problema.

Na meia obscuridade da adega, a mancha rubra à seus pés escorria lenta e pesadamente.

O homem por fim tomou uma resolução. Pesadamente dirigiu-se à mulher e friamente, olhando do alto do seu indiscutível domínio, disse:

— Vê se te despachas. Acaba de limpar esse resto de mosto, e vem-me ajudar a encher aquela doma. Parece que é a única que serve!

D. Patrício para saber o que se passa. E é já!

D. PAIO

— Senhora minha, D. Patrício entrou à bocadinho para a privada. . .

D. BRIOLANJA

— Dispara-te! Achades que isso sejam coisas que se digam na frente de duas donas de posição?

D. PAIO

— Senhora minha, o que eu quiz dizer foi que D. Patrício tinha entrado para a audiência privada de el-rei!

D. BRIOLANJA

— Então ide lá chamá-lo depressa! Já! Sus! Prestes!

D. PAIO

— Nas então. . . e se ele estiver com sua magestade?

D. BRIOLANJA

— Dizeide a sua Magestade que vá dar uma volta ao bilhar grande. Eu quero espremer D. Patrício e é já. Parece-me que é desta vez que lhe desmancho a brilhantina. . .

D. PAIO

— Prestes vou, senhora minha, prestes vou!

ALDEGUNDES

— E agora que estamos sós, dizeide mamã. Que pensaiades que tenha sucedido ao papá?

D. BRIOLANJA

— Coisa boa não foi, minha filha! Mas prestes tirarei isso a limpo! D. Patrício vai contar-me tudo, tim-tim por tim-tim!

ALDEGUNDES

— Da maneira como ele fala deve ser é trim-trim por trim-trim!

D. PATRÍCIO

— Excelsa senhora minha! Mandaste-me chamarr? Que me querreides?

D. BRIOLANJA

— Chamei, chamei. Vinde cá que temos que conversar! Tendes que vomitar aqui e já que tramoia andaies a tramoiar com el-rei, que desde há alguns dias anda com segredinhos pelos cantos. . .

D. PATRÍCIO

— Senhora que me ofeideis! Acaso achades que eu vos possa trramoiarr?

D. BRIOLANJA

— Chamaide-lhe o que quiserdes. Que vos perguntou ontem el-rei?

D. PATRÍCIO

— Pregunta? Ontem? El-rei?

D. BRIOLANJA

— Olhaide, D. Patrício que para papagaio já tendes o bico. Não precisaiades de cantarolar o que vos précuru. Respondeide prestes, se querreides almoçar. . .

D. PATRÍCIO

— Senhora, que me comprometeides! Acaso podereis confiarr no vosso silêncio?

D. BRIOLANJA

— Dou-vos a minha palavra. Que se passa com el-rei?

D. PATRÍCIO

— Pois sabeide, senhora minha, que el-rei ficou bestialmente alvorroçado com as novas que vieram da Terra Santa!

cont. na pág. 14



O PLANO ECONÓMICO PROVOCOU VÁRIOS SORRISOS EXPONTÂNEOS DE ALEGRIA...

E quando perguntaram àquele homem qual era o partido da sua simpatia, ele respondeu:

— O Partido da minha ximpatia? Tã bisto! É o P.B.X.! Atão cal hóvera de xer?

— O P.B.X.? O homem isso não é partido. . .

— Num é partido? Poça canudo! Intão num é o Partido dos Verdadeiros Xoxialistas?



**ORA  
CON-  
TE-  
NOS  
O QUE  
PENSA  
DO  
PLANO  
ECONOMICO?**

AINDA NÃO LI... MAS DEVE SER UMA MARAVILHA... SIM NÃO SE IÁ TER MUITO TRABALHO PARA A VIDA CONTINUAR A FICAR PELA HORA DA MORTE



HABITANTE DE BALCOO DE LATA



DONA DE CASA



CAMPONÉS

AGORA É QUE EU ESTOU BEM LIXADO! LÁ TENHO QUE POUPAR NOS LUXOS... NADA DE ALCATIFAS, NADA DE PRATAS, NADA DE CAVIAR, NADA DE CHAMPANHE ISTO VAI DE MAL A PIOR

CONTINUO SEMPRE A OUVIR A MESMA COISA DESDE PEQUENINO: "É PRECISO TRABALHAR MUITO!" PORRA!



CAPITALISTA

TEM UMA DATA DE COISAS QUE EU NÃO COMPREENDO... O QUE É QUE QUER DIZER A PALAVRA SACRIFICIO?

NÃO ME DIGAM QUE VÃO DEIXAR NO DESEMPREGO OS TRABALHADORES DA DIOR DO "CARDIN" DO CHANEL ETC. ETC. AI QUE INJUSTIÇA.



MENINA BEM

**ECONOMICO?**

**K**ão sei, à primeira vista, se virá a próxioto esta história simples e verídica de uma rapariga banal, numa época em que os espíritos se encontram assobrados por assuntos tão importantes e complexos como a construção da democracia e as próximas eleições. Porém, permita-se-me o devaneio sentimental, o esquecimento momentâneo da paixão política, a evasão, numa palavra, já que ela também é uma necessidade, um modo de repouso, a pequena fuga para o mundo das ninharias que mesmo os caracteres mais circunspectos apreciam e procuram.

A minha amiga Liberdade que vive honesta e anonimamente num rés-dócio, à Travessa do Fala-Sô, conserva ainda uns restos de juventude e um sorriso cheio de esperança. Desgostos teve muitos e também ilusões cedo dissipadas que esta vida dá com uma mão e tira com outra ou dá com ambas fechadas, à escolha, como no jogo das moedas, e dentro das duas não há nada. Mas nada consegue obscurecer o brilho do seu olhar que parece mais intenso quando chora. E fia, vai fiando a sua renda, não em "point de venise" que já pressupõe uma certa sofistica-

de pé cochinho servira a um Fado de fazer chorar as pedras da calçada de Carriche. Contra a vontade de pais e parentes, contra todos, baptizou-a com aquele nome o padrinho, homem de certo extravagante e obstinado, que vivera no estrangeiro e de lá trouxera umas quantas ideias de embasbar os conhecidos. Liberdade, discordava a madrinha, não era nome que se desse a uma criatura de Deus. Antes Libertina! E por nenhum outro nome a chamou senão este, nos dias da sua vida.

A minha amiga Liberdade, nada e criada ali no Campo dos Mártires da Pátria, cresceu em ambiente de pobreza, com mais sonhos do que profezas e menos saúde do que vontade de sobreviver. Perdeu ela o pai por volta de 1930 e conheceu as agruras de um padastro que a punha a pão e água e a detestava com um ódio que lhe vinha das vísceras. Nem sequer a deixavam falar à mesa e se chorava, a mãe, que não se atrevia a nomeá-la em voz alta, reprendia-a com um susurro firme: — Caluda, Liberdade! Não nos deixas dormir! — Davam-lhe tratos de polé, censuravam-na mesmo sem razão e acreditado que teriam soltado um suspiro de alívio se houvesse morrido. O malvado do padastro não se cansava de dizer: — O que a Liberdade precisa é

muito amiga da Liberdade. . . — E os rapazes, aí, os rapazes, mesmo os que nunca a tinham visto, disputavam-na em conversas, afirmavam que a Liberdade sempre fóra o seu ideal. — "A Liberdade é minha", berrava cada um deles. Subitamente, todos lhe reconheciam dotes físicos e morais que nunca ela haviam enxergado. E puxa daqui, puxa acolá, eram tagatés, atropelos, gatimanhos à Liberdade, serenatas à sua janela, ramos de cravos que lhe punham no postigo, cartas perfumadas que lhe mandavam, até telefonemas de rapazes lá do bairro que tinham ido trabalhar para o estrangeiro. Ninguém diria uns tempos atrás que a Liberdade tinha tantos amigos e admiradores!

Noutro tempo por ausência de afectos, agora por excesso deles, manteve-se a rapariga na sua proverbial atitude reservada.

Esta é a história da minha amiga Liberdade que as amigas sinceras confortam com adágios: — Présa por ter cão, présa por não tê-lo. . . — Que as má-linguas asseveram que ficará para tia. Que eu penso que há-de encontrar um bom partido. Que, entretanto, apesar do tempo da fortuna lhe ter trazido tantas contrariedades, conserva no rosto enrugado um luminoso sorriso de esperança.

# CRÓNICAS DA GONTRA PEÇONHA

## A MINHA AMIGA LIBERDADE

ção mas em simples ponto de Itaca como Penélope à espera de Ulisses.

Dia e noite, ela trabalha. Trabalha e todos se referem com apreço à Liberdade embora tarde o bom partido porque espera. Não lhe serve qualquer um e não se deixa embair pela conversa fiada dos que lhe fazem olhos marotos. E assim, por artes do demó ou de berliques e berloques, muitos a requestaram mas nenhum a levou ao altar. Será que é demasiado exigente, será que afugenta os que a conhecem por não se sentirem à altura dela?. Até dizem lá pelo bairro que os homens têm medo à Liberdade. . . Pobre Liberdade! Sempre só, na Travessa do Fala-Sô, algumas vezes à janela com o coração a bater ansioso, a dizer-lhe que se aproxima o momento, outras, com o rosto debruçado sobre a sua interminável renda! As má-linguas aventam que ficará para tia. As amigas consolam-na com os ríffes do estilo: — Mais vale só do que mal acompanhada. . . — Enfim, os mais optimistas acham que ela tem muito por onde escolher.

Tem ela uma história que cantada em alexandrinos daria uma tragédia do jaez da Antígona e que posta ou descomposta em quadras de heptassílabos

de Reformatório! — Para lá a mandaram porque, um dia, deu uma carcassa com manteiga a um pobre.

Pobre Liberdade, Liberdade da Silva de seu nome completo. Muito sofreu ela. Uma vez saíra da clausura, deitou-se à vida com ganas de vencer, a costurar para fora, a fazer rendas com lindos desenhos e tremidos contornos. Arranjou clientes e, embora a um nível muito modesto, subsistiu e mobilou a sua casa. Pouco a viam na rua. Ainda menos a notavam os rapazes porque corriam histórias nefandas a seu respeito. Se estivera no Reformatório por alguma razão de peso fóra e mais valia afastarem-se do bicho peconhento. . . Passou deste modo os melhores anos da sua vida, ignorada por quase todos.

Contudo, nada há mais variável do que os ventos da fortuna. Numa hora das que justamente são classificadas de horas felizes, jogou a Liberdade nos prognósticos desportivos e, maravilha das maravilhas, acertou nos treze resultados. A notícia correu veloz pelo bairro, aclamada em delírio por todos. As vizinhas que faziam figas à sua passagem ou lhe haviam recusado um pácaro de azeite, asseguraram logo: — Estou muito contente! Sempre fui





No "Bar" havia um leteiro, daqueles que dizem: "FALA POUCO E DIZ O QUE QUERES".

O gatuno entrou, puxou de uma pistola e disse para o dono: — Dinheiro!

GRUTA: Casa do Passado, do Presente (ou não?) e, pelo que vai pelo Mundo (guerras, rendas de casa caras e, dificuldade em erguer mais barracas, nalguns sítios...) do Futuro!

Aquele tipo era mais que bestial — era uma autêntica besta!

Duas pulgas à porta do quarto de um casal de velhos. A que vai a entrar pergunta à que vai a sair: — "Então, vale a pena? E a outra responde: — "Não te incomodes filha. Aqui só há carnes frias muito secas!..."

Quanto mais conhecemos os homens (dos talhos), mais (des) gostamos dos animais que eles nos querem impingir!

O faquir estava mal disposto. Entrou num bar, pediu um "quarto das pedras", deitou a água fora e "tomou" a garrafa!

ARIM

# A BULA DA TERRA SANTA

cont. da pág 11

D. BRIOLANJA

— Novas da Terra Santa? Mas acaso ele estará a pensar nalguma cruzada?

D. PATRÍCIO

— Não, senhorra! Mas porr tudo vos suplico, não abraides o bico! El-rei soube que porr merrcê dum sábio homem de leis, tinham vindo da Terra Santa as bulas a concederr as anulações dos esposais aos mal-avindos casais!

D. BRIOLANJA

— Vós não me digais! E que vos disse mais?

D. PATRÍCIO

— É fácil de verr! Que pensais?

D. BRIOLANJA

— Que com essa me lixais! Filha minha: que opinais?

ALDEGUENDES

— D. Patrício, achaides que meu almirantíssimo papá esteja a pensar bater a prancha?

D. PATRÍCIO

— Que querreides que vos diga, excelsa senhorra minha? Só vos posso acrescentarr que quando el-rei soube dessas novas tão alarimantes, que parrecem criadas parrra destrruirrr as santidades dos larres tradicionais, teve um pensamento prrrofundu! Tão prrrofundu que ainda o não perrrcebi...

D. BRIOLANJA

— Dizeide, dizeide prestes, que a ele conheço-o eu de gingeira! Que foi que ele disse?

D. PATRÍCIO

— Foi isto: Agradeceide aos gentis homens do Movimento Prró-Divórrrico, por essa vitórrria sua. Porr mim vou ficar livre por fim daquela maldita catatua!

## OS PRIMEIROS CANSAÇOS

cont. das centrais

galhada de escárnio quando a pobre rapariga, após as primeiras notas, saiu a correr do palco com as mãos agarradas à barriga. A minha mãe, simpaticamente, oferecera-lhe uma laranjada onde tinha dissolvido um fortíssimo purgantel

Triunfei merecidamente e fui coroada "Rainha da Canção". Embora o prémio fosse modesto, apenas uma passagem de comboio de volta a Lisboa e uma barra de chocolate, senti-me satisfeita e muito mais segura das minhas possibilidades vocais. O pior veio depois... Uma noite,

acordei ao som de uma alteração de discussão entre os meus pais. Ele acusava-a de ter enoidecido e de haver causado a minha perdição com a sua mania das grandezas.

— A Sônia, convence-te de uma vez para sempre, nunca há-de ser cantora! A Sônia é a negação da música! E tu vais empenhar as tuas joias para subornar o júri de um concurso!

Fez-se luz no meu espírito e desejei morrer de vergonha. Manhã cedo, ainda eu não me reconciliara com o sono, entrou a minha mãe pé-ante-pé e com um sorriso vitorioso pelo quarto dentro.

— Acabou tudo entre mim e o teu pai — anunciou.

— As joias... — articelei eu num soluço.

— Cala-te e não chores — ordenou — Vamos partir numa "tourné" para África. Falei com um agente, eu não descuru da tua carreira, minha filha. Faltava uma cantora brasileira e uma costureira. A cantora és tu, a outra sou eu. Bissau, Luanda, Lobito, Lourenço Marques, Beira! Estás contente?

Aceitaram-me sem sequer me ouvir, na companhia de variedades que partia no dia

seguinte. O director pediu-nos apenas que falássemos sempre brasileiro. O nome de cartaz era Jújy Forrobódó — "a bomba do Rio", atração internacional. Tinha um número no primeiro acto da revista em que cantava a linda "romanza", em ritmo de samba "Mi dá côco, meu bem". No segundo, num quadro de evocação do Rio de Janeiro, tinha a meu cargo o desempenho da canção "Cidade Maravilhosa". As outras artistas embora aparentemente simpáticas comigo, criticavam-me nas costas. Um dia, ouvi a vendeda dizer ao empresário:

— Caramba! Onde é que fostes descobrir esta brasileira escrofulosa?

Irrompi pelo seu camarim e disse-lhe:

— Julga que lá por eu ser brasileira não entendo a sua língua?

Desde aí, passou a respeitarm-me imenso e nas apoteoses insistia sempre em que eu tomasse a dianteira, em certos momentos. A minha mãe trabalhava sem descanso e fazia o possível porque a tomassem por carioca. Mal chegava a um hotel perguntava: — Tem feijoada, seu cara.

E lavava-se sempre com leite de côco.

PARA GRANDES MALES...

- transito...
- consumo...
- peso...

GRANDES REMÉDIOS!

# A HONDA

IBA, LDA.

AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, N.º 59 - B - TEL. 768913



# VOLTA AO MUNDO

**IRLANDA**  
NOVAS TRÉGUAS ACORDADAS,  
FAZEM-ME LOGO PENSAR:  
— COM TANTAS TRÉGUAS FALHADAS,  
NÃO SÃO TRÉGUAS P'RA DURAR!...

**ERITREIA**  
SACUDINDO A DEPENDÊNCIA,  
O POVO DA ERITREIA,  
LUTA POR INDEPENDÊNCIA  
QUE O SEU DIREITO NORTEIA!

**FRANÇA**  
SEU GISCARD É UM MATREIRO  
QUE, POR MAIS DO QUE UM CAMINHO,  
VAI LEVANDO, SURRATEIRO,  
O PETRÓLEO AO SEU MOÍNHU!...

**ESPAÑHA**  
POR QUANTO ESTAMOS A VER,  
AOS ESPANHOIS, DE CERTEZA,  
SERÁ DIFÍCIL FAZER  
UMA VOLTA "À PORTUGUESA"!

**P ORTUGAL**  
CONTRA CERTAS PREVISÕES,  
FOI DADA BOA RESPOSTA...  
SEMPRE HAVERÁ ELEIÇÕES  
E, LIVRES, COMO O ZÉ GOSTA!

ARIM

# MARÇA DOS APITADEROS



SOA O APITO DOS FUTEBOIS  
A MARCAR PENALTI À FEDERAÇÃO  
PORQUE ESSA COISA CHEIRA A VIGARICE  
E OS ÁRBITROS RECUSAM A INTEGRAÇÃO!



NÃO TEMOS MEDO DE APITAR NEM DAR À DICA:  
APITAMOS CONTRA O PORTO E PENALTIS AO BENFICA!  
A GENTE APITA, APITA SEMPRE SEM PARAR  
E SÓ PODE FAZER ISTO QUEM OS TEM NO SEU LUGAR!

SOA O APITO A MARCAR FORA DE JOGO  
JOGO DURO E PERIGOSO À DONA FEDERAÇÃO  
OS DO APITO NÃO VÃO NESSAS ALDRABICES  
E PARA EVITAR CHATICES RECUSAM INTEGRAÇÃO!

SOA O APITO NO FUTEBOL  
É FORA DE JOGO NAS INTEGRAÇÕES  
CARTÃO VERMELHO AOS VIGARISTAS  
VÃO PARA AS CABINAS OU PARA OS PORTÕES!



# ADEUS O' TERRA

ADEUS, Ô PORTO  
O CASO VAI TORTO P'RO JOGO DA BOLA...  
ADEUS... PRIMEIRO  
LUGAR DA TABELA  
QUE FOSTE À VIOLA!

SEMPRE ESPERAMOS QUE O BENFICA DESSE LUTA  
P'RA JOGARMOS TACO A TACO...  
MAS QUE NÃO ENTRASSE ASSIM FORTE E À BRUTA  
E METESSE TRÊS NO SACO!

TAVA A MALTA CONFIANTE  
NUMA VITÓRIA BRILHANTE  
QUE FICASSE P'RA RECORDAR...

VAI O MOÍNHOS DÁ DOIS SECOS  
E O NENÉ NÃO É DOS PÉCOS  
DÁ MAIS UM PARA ACABAR...

ADEUS... Ô PORTO  
O CASO VAI TORTO  
GARANTO E NÃO NÉGO...  
Ô ESTRELA... NÃO BRILHAS!  
PEGUEM NO CUBILLAS  
VÃO PÔ-LO NO PREGO!



# OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO  
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR  
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE  
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição  
R. Conde Redondo nº 12-2º LISBOA  
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do  
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR  
REGIMPrensa  
AV. D. JOSÉ I, LOTE 12  
REBOLEIRA - LISBOA

# SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS  
FABULOSA  
GAMA DE  
APARELHAGENS  
ELECTRODOMÉ-  
TICA E DE  
SOM  
ESTEREOFÓNICO  
DAS MAIS  
FABULOSAS  
E  
ACREDITADAS  
MARCAS  
MUNDIAIS

MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS  
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO  
"EPEDA" E "DELTALOC"